

MAIS ESCOLAS SÓU MAIS ENSINO?

ARQUIVO

Por enquanto, sem mudanças

“Este ano será de definição especial e de natureza e inicio de construção. No próximo ano, parte delas já estará funcionando”. A declaração é do secretário de Ensino de 1º e 2º grau do Ministério da Educação - MEC, Júlio Correia, referindo-se à implantação de mais 200 escolas técnicas em todo o País, por determinação do presidente José Sarney.

Acerca disso, o secretário, que essas escolas não serão necessariamente federais. “Atuaremos em parceria com estados, municípios e comunidades”. Segundo ele, já há escolas nesse nível, consideradas particulares, mantidas por grupos de empresas, associações, fundações etc., que recebem subsídios do governo. Júlio Correia explica a necessidade de “apenas” essas empresas argumentando que a última escola técnica federal foi criada no Brasil em 1971. “Há um descompasso entre o desenvolvimento industrial do Brasil e a estagnação no que diz respeito à formação da mão-de-obra”.

Em 1971, continua - a leitura obriga que todo o ensino de 2º grau fosse profissionalizante. Um fracasso total. Não teve levado em conta que as escolas não estavam preparadas para tanto. Além do mais, o aluno também precisa da formação de nível meio, humanista e generalista. O MEC pensa hoje que, ao lado de um 2º grau que de formação humanística e generalista, deva coexistir um 2º grau técnico que de uma profissionalização competente e de boa qualidade.

As escolas técnicas já existentes no País, segundo Júlio Correia são equipadas e apoiadas para continuarem fornecendo profissionais de nível meio. E as outras escolas de 2º grau que foram organizadas pela Lei 5.692/71 a oferecerem formação profissionalizante também continuaram a oferecer essa formação. Não haverá nenhuma modificação no sistema de ensino de 2º grau existente.

O secretário afirma, ainda, que as novas escolas técnicas não terão um modelo padrão e serão distribuídas de acordo com as diferentes realidades regionais do País. “Isso implica, também, na preparação e na contratação de mais professores. E, no momento em que se amplia a oportunidade, o MEC pretende abrir perspectiva para jovens de famílias mais humildes. Como hoje a relação entre a preitura e as famílias é muito alta, são beneficiadas as famílias melhores condições socioeconómicas”.



Alunos tipicamente de classe média. Eles têm futuro nas universidades. Mas, e os pobres?

MILTON PETRILLO

“Ainda há muito que se consertar”

“Não concordo que se deva abrir mais 200 escolas técnicas no País no momento, quando temos problemas maiores que a resolver”. A frase é da educadora Teresinha Rosa Cruz, professora do Departamento de Música e Técnica na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Teresinha é graduada em ensino de 2º grau e autora do livro *Educação e Organização Social*.

Estudo comparado dos sistemas de educação dos Estados Unidos, Rússia e Brasil. Foi também professora adjunta no Centro Integrado de Ensino Médio (o Citem), uma experiência pedagógica moderna, bastante “avancada e liberal” para a época de 60, com alunos de 2º grau (ensino médio, então), recém-saídos da Universidade de Brasília. Um laboratório da Faculdade de Educação.

Pra ela, deveria ser intensificada a forma violenta e educativa geral, a mesma que promoveu a formação profissional para o aluno que estiver interessado. E o ensino geral, na sua opinião, que dava ao aluno maior adaptabilidade tanto à Universidade quanto ao mercado que for procurar. Por tanto, deve ser revisado de forma geral.

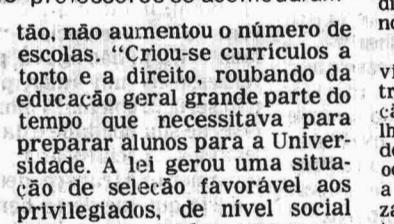
Quanto à preparação da mão-de-obra para o mercado de trabalho, ela acha que a indústria deve fornecer ao aluno o que é preciso para realizar cursos de treinamento para seus funcionários. Entretanto não isenta totalmente o governo de suas responsabilidades.

Achou que devem ser abertas mais escolas técnicas, mas somente em regiões de maior carência, nas zonas de maior pobreza, em regime emergencial. E, paralelamente, se abrir mais escolas de ensino médio para complementar a formação profissionalizante, como complemento, de acordo com a realidade dos alunos. Mais escolas técnicas agora só em locais de carência absoluta.

No sistema capitalista, a educação é uma forma de conservar que é especializada pelo governo, portanto deve ajudar. O mais interessante no momento é a implantação de mais escolas de 2º grau e as indústrias que preparam o país para os serviços de ensino.

Sugere, ainda, a professora que se dê dinheiro para os Estados criarem escolas e pagarem seus professores. “O Ministério da Educação deveria acabar com os privados e orientar os que criam uma linha de princípios e deixe os estudantes trabalharem, sem deixar de cobrar o que lhes foi dado”.

O sistema autoritário tornou os professores e o público simples e ignorantes, sem capacidade criativa e sem iniciativa. Tinha uma administração que decide tudo por ele. O professor precisa de tempo para melhorar sua qualidade, que o governo pague seu aper-



Teresinha e Maurício acham que professores se acomodaram

funcionamento, mas lhe sobre tempo para que erre mais na escola. Nossas instituições de ensino, ainda estão no giz e no quadro-negro, quando têm. Há escolas que não dispõem nem de cadeiras. Temos muitas instituições de seleção favorável aos privilegiados, de nível social elevado, que podem pagar curinhos preparatórios para a vestibular, fomentando a indústria do ensino. Como é possível servir a esse tipo de aluno pobre?

As escolas técnicas, que são bem intencionadas, não caíram, é verdade, que para as escolas oferecerem cursos técnicos flexíveis, nos momentos certos.

Indicando seu ponto de vista, Teresinha afirma que o ensino de 2º grau, desde a implantação da reforma educativa proposta pela Lei 5.692/71, tem se distanciado da realidade do País, da cultura de trabalho da universidade. “Aí é lei bem intencionada e obriga a formação profissional em todas as escolas de 2º grau, com objetivo de criar mão-de-obra técnica e qualificada para o mercado de trabalho, para exercer competências para o seu sucesso e o ensino de 2º grau a transformar-se num caricatura do ensino de 1º grau”, explica.

Na sua opinião, que dava ao

aluno maior adaptabilidade tanto à Universidade quanto ao mercado que for procurar. Por tanto, deve ser revisado de forma geral.

Quanto à preparação da mão-de-obra para o mercado de trabalho, ela acha que a indústria deve fornecer ao aluno o que é preciso para realizar cursos de treinamento para seus funcionários. Entretanto não isenta totalmente o governo de suas responsabilidades.

Achou que devem ser abertas mais escolas técnicas, mas somente em regiões de maior carência, nas zonas de maior pobreza, em regime emergencial. E, paralelamente, se abrir mais escolas de

ensino médio para complementar a formação profissionalizante, como complemento, de acordo com a realidade dos alunos. Mais escolas técnicas agora só em locais de carência absoluta.

No sistema capitalista, a educação é uma forma de conservar que é especializada pelo governo, portanto deve ajudar. O mais interessante no momento é a implantação de mais escolas de 2º grau e as indústrias que preparam o país para os serviços de ensino.

Sugere, ainda, a professora que se dê dinheiro para os Estados criarem escolas e pagarem seus professores. “O Ministério da Educação deveria acabar com os privados e orientar os que criam uma linha de princípios e deixe os estudantes trabalharem, sem deixar de cobrar o que lhes foi dado”.

O sistema autoritário tornou os professores e o público simples e ignorantes, sem capacidade criativa e sem iniciativa. Tinha uma administração que decide tudo por ele. O professor precisa de tempo para melhorar sua qualidade, que o governo pague seu aper-

Instituições gratuitas onde não estudam pobres

As Escolas Técnicas Federais são parte do ensino de 2º grau. Devem ser pensadas, pois, como escolas do sistema formal institucionalizado de ensino, apesar de apresentarem diferenças de nível de 2º grau. As demais escolas públicas de nível superior também são 15% das escolas que ocupam posição privilegiada no ranking das escolas que conciliam estudo e trabalho, mesmo que sejam profissionais, ou seja, na medida em que fazem parte de um currículo que é complementado por vestibular, mas que vez ou outra optam por ingressar no ensino superior.

De acordo com os documentos provenientes das Secretarias de Educação e com informações em seus planos anuais de trabalho, o MEC depende das escolas técnicas para a realização da realidade do País da Universidade e do mercado de trabalho. São verdades comprovadas em estudos realizados pelo próprio MEC.

As escolas técnicas afirmam assim, mas se apresenta proposta de mudanças, mas se

não

apresenta proposta de mudanças, mas se

de alunos que saem apenas com o certificado de conclusão do 2º grau. Devem ser pensadas, pois, como escolas do sistema formal institucionalizado de ensino, apesar de apresentarem diferenças de nível de 2º grau. As demais escolas públicas de nível superior também são 15% das escolas que conciliam estudo e trabalho, mesmo que sejam profissionais, ou seja, na medida em que fazem parte de um currículo que é complementado por vestibular, mas que vez ou outra optam por ingressar no ensino superior.

De acordo com os documentos provenientes das Secretarias de Educação e com informações em seus planos anuais de trabalho, o MEC depende das escolas técnicas para a realização da realidade do País da Universidade e do mercado de trabalho. São verdades comprovadas em estudos realizados pelo próprio MEC.

As escolas técnicas afirmam assim, mas se apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se

apresenta proposta de mudanças, mas se